



MORRO DA BOA ESPERANÇA E WARUÁ: OBSERVAÇÕES PRÉVIAS NO CAMPO DA PESQUISA

Patrícia Lisboa de Aguiar

Universidade do Estado do Amazonas – UEA: patty_lisboa@yahoo.com.br

Mauro Gomes da Costa

Universidade do Estado do Amazonas - UEA: semogcosta@yahoo.com.br

Resumo: A pesquisa de campo aqui apresentada é uma descrição das interações feitas da realidade na área de estudo. O presente manuscrito tem como objetivo apresentar os resultados de uma pesquisa exploratória e descritiva. Os procedimentos para as coletas de dados foram o Diário de Campo e a História Oral, com abordagem qualitativa. O referido estudo faz parte de uma pesquisa em andamento no curso de Mestrado em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA. A pesquisa exploratória serviu para definirmos o campo da pesquisa empírico e os sujeitos da pesquisa. Trata – se da Escola Indígena Municipal Waruá localizada na área rural e do Morro da Boa Esperança, ambos localizados na cidade de São Gabriel da Cachoeira – AM. Enquanto que os sujeitos são crianças indígenas bilíngues da etnia Dâw, de uma sala multisseriada do 1º ao 5º do ensino fundamental, juntamente com os professores. Os resultados prévios obtidos com as investigações que estão em andamento, contribuíram para ampliar uma visão geral da pesquisa que pretendemos investigar. Possibilitou a aproximação dos sujeitos (crianças e professores) e favoreceu o reconhecimento do espaço socioambiental (Morro da Boa Esperança) a ser trabalhado.

Palavras-chave: Etnia Dâw, Criança Indígena, Ensino de Ciências, Espaço Não Formal.

INTRODUÇÃO

O texto aqui apresentado é uma descrição das interações feitas na realidade da área de estudo. Para José Filho (2006, p. 64) “o ato de pesquisar traz em si a necessidade do diálogo com a realidade a qual se pretende investigar e com o diferente, um diálogo dotado de crítica, canalizador de momentos criativos”. Essa tentativa de conhecer diretamente a realidade do ambiente a ser estudado nos permitirá construir com maior eficiência as bases sólidas da pesquisa em curso.



Apresentamos uma proposta de trabalho com as primeiras visões do Campo da Pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA. Temos como objetivo apresentar os resultados de uma pesquisa exploratória e descritiva obtidos em São Gabriel da Cachoeira, localizada a noroeste do Estado do Amazonas no Alto Rio Negro. Consideramos os procedimentos investigativos, a partir da perspectiva de Da Matta (1978, p. 24), segundo o qual a primeira dimensão da pesquisa etnológica (a teórico-intelectual) é caracterizada pelo conhecimento “mediatizado não pelo concreto e, sobretudo, pelo específico, mas pelo abstrato e pelo não vivenciado”, ou seja, nossa viagem a campo começa muito antes de estarmos lá, as primeiras leituras de uma região de 850 quilômetros da capital Manaus, nos faz ficar apreensivos e curiosos em realizar a pesquisa em um lugar diferente, o qual possui belezas naturais e sociodiversidade que o diferem de qualquer lugar do mundo.

Chegamos em São Gabriel com um olhar curioso e cheio de temores. Tínhamos a certeza que o trabalho seria no Morro da Boa Esperança, voltado para crianças indígenas e que trabalharíamos em uma das escolas do município na cidade. Nossas inquietações vinham em saber em qual das 23 etnias iríamos desenvolver a pesquisa, se seríamos aceito ou não por parte das crianças e responsáveis, de que maneira colheríamos os dados e como chegaríamos ao elo dos saberes científicos com os saberes tradicionais indígenas

A questão em meio ao desafio no campo de pesquisa é captar os processos de aprendizagem, através da cosmovisão das crianças indígenas de São Gabriel, relacionando ao Morro da Boa Esperança, o qual está localizado no centro da cidade. Entendemos aqui, por cosmologia, a imagem de mundo que uma sociedade faz para si própria, apresentada por meio de manifestações como mitos, danças, música, símbolos, representações culturais, ou seja, através de uma abordagem êmica (o termo êmico significa interno, sugere a procura pela verdade como ela é entendida pelo agente promotor do fato, isto é, as pessoas que vivenciam aquela cultura).

OS OBSTÁCULOS PARA A ESCOLHA DO CAMPO DA PESQUISA

Durante o segundo semestre de 2015, permanecemos em Manaus (AM) para as disciplinas eletivas e para o seminário de projetos. Procuramos aprofundar os conhecimentos teóricos que supostamente poderiam abordar o tema. O projeto que antes estava voltado para práticas educativas,



torna-se inadequado para o lugar onde será realizada a pesquisa, pois era necessário incluir as culturas indígenas ao estudo, pelo fato do campo da pesquisa está em terras indígenas.

Para isso novas leituras deveriam ser realizadas, novos olhares e percepções deveriam surgir, afinal, falar de uma cultura diferente, misteriosa e instigante como a indígena é um grande desafio. Muitas inquietações nos sobrevieram, nesse momento o orientador, os colegas do mestrado e a família foram essenciais. Ainda assim, as inquietações continuavam. Indagávamos constantemente como faríamos a ligação dos conhecimentos científicos com os saberes tradicionais indígenas, em especial das crianças indígenas.

Quando chegamos em São Gabriel, ficamos hospedados na casa da dona Marta e sua mãe, localizado no Bairro Dabarú. Durante esses meses fizemos muitas caminhadas pela cidade, transitando por Secretarias da Prefeitura, pelo Instituto Sócio Ambiental (ISA), pela Federação das Organizações Indígenas do Alto Rio Negro (FOIRN), por comércios, pelas lan-houses e outras atividades. Procuramos o Exército para solicitar apoio na logística com as práticas que seriam realizadas e também para o reconhecimento da área (Morro da Boa Esperança) para poder levar as crianças. A resposta foi positiva. Teríamos apoio necessário a realização do projeto.

Logo em seguida nos reportamos à Secretaria Municipal de Educação (SEMED) para sabermos quais as possibilidades para a realização do projeto em uma das 231 escolas do Município. Fomos bem recebidos na SEMED. O trabalho foi bem visto. No que dependesse de autorização da SEMED, teríamos apoio para a realização da pesquisa. No primeiro momento tudo ia muito bem, até sermos informados que só existiam 3 (três) escolas municipais na cidade e que seria inviável a realização do projeto, pois as demais escolas eram no interior, organizadas a partir das diretrizes e referenciais da educação escolar indígena

O impacto foi forte ao sabermos dessa notícia. Fazer a pesquisa subindo o Rio Negro para as aldeias não faziam parte do plano. Foi-nos sugerido a escola municipal de Camanaus, a 22 Km da cidade, encontraríamos suporte na logística, pois havia um ônibus que saía às 6h da manhã e logo em seguida teria uma canoa que atravessaria o rio até a Ilha de Camanaus. Foram apresentadas mais duas escolas municipais, ambas ficavam do outro lado do rio em frente à cidade. Uma dos Baniwa e outra dos Dâw. A dos Baniwa, além de atravessar o rio teria que andar muito para chegar à escola. A dos Dâw teria a vantagem de somente atravessar, pois a escola ficava à margem do rio. Estas duas escolas municipais, a dos Baniwa e a dos Daw, eram as mais próximas da cidade.

Foi-nos explicado que a etnia Dâw está em extinção, são aproximadamente 130 pessoas que habitam a Região WARUÁ (SEMED, 2015), tem pouco tempo residindo à beira do rio. Antes



era um povo nômade da floresta, somente pouco tempo conseguiram se fixar em um lugar, também conhecidos por um certo isolamento (Possobon, 1993; Silverwood-Cope, 1990). As crianças aprendiam as coisas da escola na língua Dâw. Nossos informantes mostraram-se receosos em aconselhar a realização da pesquisa nesse lugar, devido ao fato de nós não sabermos a língua Dâw e não falarmos Nheengatu, a língua geral indígena. Mas se nós quiséssemos seria dado todo o apoio.

A etnia Dâw, faz parte da família linguística Maku no Brasil. O nome Maku gera polemica entre os pesquisadores dessa língua e entre os indígenas, este termo possivelmente, de origem Aruake, possui um significado pejorativo como sem fala, sem nome, selvagem, primitivo (MARTINS, 2004). São considerados povos serviçais e na mitologia indígena são considerados o rabo da cobra, em relatos etnográficos. Segundo Silverwood-Cope (1972), aponta os Maku Orientais como “índios da floresta” e são classificados como coletores-caçadores.

As informações aguçaram nossa curiosidade em saber como era ou é a escola Dâw, como seria o trabalho naquele lugar, mesmo precisando de intérprete. Essa decisão foi tomada naquele mesmo momento, olhando através do vidro, a linda paisagem em frente à cidade, o olhar voltado para aquela escola. Fazer um trabalho associado ao ensino de ciências e os saberes das crianças indígenas Dâw já estava decidido. E foi por intermédio da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), que obtivemos autorização para adentrarmos a Região de Waruá.

METODOLOGIA: O DESAFIO PARA CONSTRUÇÃO DE UM CAMINHO

Foi realizada uma pesquisa exploratória e descritiva de abordagem qualitativa a qual utilizará a etnografia como proposta metodológica para a execução da pesquisa. Os recursos utilizados para as coletas de dados foram o Diário de Campo e a História Oral. Teve como foco principal o reconhecimento das áreas de estudo, os sujeitos e os saberes tradicionais indígenas sobre o morro da Boa Esperança e a Região Waruá em São Gabriel da Cachoeira – AM, durante os meses de março e abril de 2016.

Optamos, nesse primeiro momento, por tomar os registros dos indígenas. Das suas memórias, dos conhecimentos do lugar onde vivem e viveram seus antepassados. Essa transmissão oral, através dos mais velhos para os mais novos, é a que tomamos como instrumento nos primeiros passos das informações sobre São Gabriel. Em relação à oralidade, segundo Alberti (2004), não é fator negativo o fato de o depoente poder “distorcer” a realidade, ter “falhas” de memória ou “errar”



em seu relato, trata-se de um diálogo entre entrevistado e entrevistadores, de uma construção e de uma interpretação do passado, atualizada através da língua falada.

Thompson (1992), aborda que a história oral é a história construída em torno da vida das pessoas. A vida cotidiana se joga para dentro da própria história, aumentando o campo de ação. As histórias na visão de cada uma das etnias em São Gabriel, como as que lemos, por exemplo, na *Coleção Narradores Indígenas*, foram extraídas dentro do dia a dia, como chegaram aqui, como se alimentaram, com quem tiveram pelepas para permanecerem no lugar.

Assim, para Halbwachs (2004), a memória individual também é uma memória coletiva, à medida que ela é o reflexo das experiências construídas nas relações sociais. Percebemos isso com clareza, no momento em que nos deixamos conversar com as pessoas do lugar sobre a história e as belezas naturais da região. Quanto aos objetivos, esses primeiros passos da pesquisa caracterizaram-se por ser descritiva, quando se propôs a fazer o registro do fato, sem tentar interpretá-lo.

Com relação a abordagem qualitativa, optamos porque ela faz uma leitura da realidade, dando destaque ao ambiente natural como essencial para o desenvolvimento de nossa investigação (CRESWELL 2010). Esse fechamento das informações coletadas por meio da conversa direta com as pessoas de São Gabriel e da observação como elas se comportam é uma característica importante nas interações face a face no decorrer do tempo.

Portanto, os campos de estudo interagem com a vida cotidiana sujeitos, não são situações artificiais criadas em laboratório, (FLICK, 2009). Pesquisadores qualitativos estudam o conhecimento e as práticas dos participantes e essas interações possibilitam interpretar os dados coletados de forma descritiva com uma melhor compreensão das diversas situações novas que surgirem durante a investigação de todo processo.

HISTÓRIA ORAL: A CONVERSA COMO RECURSO

Durante a fase de planejamento para ir a campo, organizamos alguns roteiros que nos dessem orientações para nortear a primeira ida a campo. Apesar dos diferentes instrumentos de coleta elaborados para o trabalho de campo, nesta primeira incursão utilizamos apenas o registro indireto no diário de campo, em atendimento às Resoluções que tratam da ética em pesquisa com seres humanos.

A primeira conversa ocorreu de maneira casual na espera da canoa para se chegar em Waruá. Era domingo, por volta das 7h e o movimento da orla na praia era pouco. Esse horário o sol



está nascendo e para termos uma visão melhor de quem viria nos buscar, a professora Marta sugeriu que ficássemos sentadas entre as rochas. Ficamos observando alguns Hupda se banharem na praia e ouvindo o som das corredeiras. A professora perguntou se ali era bem diferente do lugar onde vivíamos. Sorrimos, meio sem graça e dissemos que sim. Falamos a ela que aquele lugar tinha uma beleza natural que nunca tínhamos visto. Ela assentiu e sorriu expansivamente dizendo que iríamos ver outras belezas que só existiam ali.

Ficou por um momento calada. Logo em seguida perguntou o que era a pesquisa e porque tínhamos escolhido aquele lugar. Calmamente fomos explicando que se eles (Dâw) dessem permissão iríamos trabalhar com as crianças. O trabalho ocorreria entre a Escola e o Morro da Boa Esperança. Ela olhou e indagou com ênfase: “Você vai atravessar o rio com elas (crianças) para levar a cidade (Morro)?”. Dissemos que sim. Ela voltou a indagar: “Você já atravessou o rio antes?”. Negamos e ela gargalhou juntamente com sua filha que nos acompanhava.

Perguntou se poderia ir e levar seus alunos, dissemos que sim. Argumentamos, que tínhamos curiosidade em saber o que aquele lugar representava para as crianças e seus pais. Ela por um momento ficou olhando o horizonte. Disse de maneira calma e confiante que aquele lugar representava muita coisa e que ficava triste por ver que os mais novos da família não tinham mais vontade de aprender o dialeto das suas etnias e que o contato na cidade trazia desejo e vontade de coisas da cidade. Ficamos em silêncio. Ela continuou dizendo que o morro para onde levaria as crianças tinha um outro significado. O morro deve ser visto não na visão dos Kariú (homem branco) e, sim, dos antigos do lugar.

Figura 1 – VISTA DO CUME DO MORRO



Fonte: De Aguiar, 2016



A professora toma postura na rocha que estamos sentadas e começa a narrar uma história que ouviu várias vezes quando criança. Antigamente, antes dos brancos chegarem até aqui e aprisionar os indígenas, nasceu um menino gigante numa família indígena de Manaus. Então ele cresceu. Isso foi antes de acontecer o massacre contra os indígenas no Rio Negro. Ele se tornou um mensageiro, pois recebeu a missão de avisar a todas as tribos do Alto Rio Negro da invasão dos brancos e teria que chegar até o Cassiquiari na Venezuela, para alertá-los do perigo.

O mensageiro passou por vários municípios desde Barreirinha, Barcelos, Tapuruquara (Santa Isabel) até chegar no Tawá (São Gabriel da Cachoeira). Encontrou lá outros dois gigantes que eram os guardiões do lugar, e não deixavam passar ninguém para a Colômbia e Venezuela. Fez de tudo para passar e não conseguiu.

Para conseguir alcançar sua meta ele lançou um desafio aos guardiões do lugar. Aquele que conseguisse carregar as rochas maiores mais rápido até o topo do morro teria direito a decidir sobre o seu destino. Se ele ganhasse teria o direito de seguir o seu trajeto.

Foi assim que o mensageiro conseguiu vencer os guardiões, pois conseguiu carregar em pouco tempo os maiores blocos de rochas até o topo. Por isso que no topo do morro existem enormes blocos de rochas uma sobreposta a outra onde as maiores foram levadas pelo gigante desafiador que, assim, conseguiu sua passagem para o Cassiquiari, pois os guardiões reconheceram que há muito tempo morando nesse lugar nunca haviam conseguido carregar aqueles blocos tão grandes e que formam hoje as cavernas que enfeitam o cume do morro (Figura 1) e de onde se avista as mais belas paisagens de Tawa.

Subindo mais um pouco encontrou outro obstáculo, o Mapinguari (Ser protetor das matas). E então resolveu lançar o mesmo desafio de carregar blocos de rochas imensas, e assim também foi formado o Morro do Cabaré, o qual é constituído por várias serras que juntas vistas de São Gabriel formam o corpo de Kuni-Kaniã, a Bela Adormecida (Figura 2).

E o mensageiro gigante completaria então a sua missão de alertar aos povos indígenas do Alto Rio Negro. Depois de alertarem todas as tribos, elas subiram o rio, com exceção de algumas delas - uma das tribos que habitava ao pé de um grande morro. O morro era conhecido pelo nome de Yapai ini, que significa último clã dos Piratapuya, era onde eles viviam.

Ela relata que os Yepamasã (Tukano) subiam com destino ao rio Uaupés e resolveram parar no porto da praia, os Piratapuya avistaram a chegada e resolveram ir ao encontro dos Tukano. O chefe dos Piratapuya pediu passagem para subir até o seu território. Todos os Piratapuyas



seguiram viagem. Ficaram somente animais (paca, porco, anta, veado, cutia...), tinham seus próprios locais de sobrevivência (bebedouro) o qual ficava próximo da serra e que hoje em dia não existe por motivo da chegada dos salesianos em 1915.

Figura 2 - Conjunto de serras que, unidas por uma ilusão de ótica, é vista da cidade em forma de uma bela jovem deitada.



Fonte: De Aguiar, 2016.

Figura 3 - A kuni kaniã – Bela Adormecida, por Feliciano Lana (Tukano)



Fonte: SEMATUR, 2016.



Iniciou-se a roçagem de trilha para realizar as vias-sacras. Atualmente não existem animais por causa da urbanização da cidade e o uso de água benta que espanta os espíritos dos animais existentes nesse lugar.

O Morro da Boa Esperança é uma das várias belezas naturais da região. Um ambiente de acesso fácil, precisamente no centro da cidade. O acesso é feito por trilhas, com tempo estimado de 30 minutos de caminhada até o cume, de onde se tem a vista para a cidade, para o Rio Negro, sua parte mais estreita. A trilha principal possui pequenos monumentos que são vistos durante o percurso a pé.

O morro possui várias trilhas, boa parte em mata primária, aberta e fechada. Existe a presença de grutas e pequenas cavernas em torno do morro. Também foram observadas várias nascentes, onde há, em algumas delas, a presença de camarões. Um imenso paredão é visto em uma de suas trilhas.

SUJEITOS DA PESQUISA E A ESCOLA

Para dar conta desse desafio, nos propomos a sair da nossa zona de conforto que seria pesquisar as crianças indígenas urbanas de São Gabriel. Os caminhos da pesquisa nos conduziram além da cidade e nos impulsionam a olhar o campo a partir de diferentes perspectivas. Uma dessas perspectivas seria enfrentar o nosso próprio medo em atravessar diariamente as corredeiras em busca dos sujeitos a serem estudados.

Atenta às histórias da professora não percebemos a canoa chegar para nos levar a Waruá. Um pequeno medo surgiu no momento que tínhamos que entrar no rio para pegar a canoa. As águas rasas da praia não permitiam a canoa chegar mais perto, pois éramos em número de 8 para atravessar. Como não poderíamos deixar escapar essa oportunidade tiramos o tênis e com medo fomos em direção a canoa. A travessia durou em torno de 15 min. Pareceu uma eternidade, mas chegamos a Waruá.

Para se chegar a escola precisava subir os mais de 90 degraus esculpidos no chão. A primeira visão foram as árvores frutíferas como laranja, cupu-açú, biribá, açaí e côco que estão ao redor da escola. É uma escola pequena com 4 salas de aula. Depois vem um barracão onde fomos conduzidos. Lá fomos apresentados à comunidade. A reunião começou na língua Dâw. Ficamos apreensivos, não entendíamos nada. A missionaria da comunidade, nos conduziu ao centro do barracão e nos fez virar de costas e de frente. Ouvimos risos baixos. Logo em seguida ela nos



abraçou e tocou nos nossos cabelos fazendo uma comparação com os dela. O som das gargalhadas se ouvia por todo o barracão. Carinhosamente olhou nos nossos olhos e disse suavemente. “Disse a eles que vocês eram meus irmãos, que vinham do mesmo lugar que eu. Sendo que eu nasci da noite por ter cabelos como a cor da lua e vocês nasceram do dia por terem cabelos do sol”. Sorrimos juntos.

Depois de um momento algumas crianças se aproximaram de nós. Tiramos o celular e perguntamos se poderíamos tirar foto. Uma delas em tom forte disse não. As outras se aproximaram e pegaram nos nossos cabelos e sorriram. Retribuíamos o sorriso e tiramos uma foto.

Durante toda a reunião a missionária permaneceu ao nosso lado traduzindo. Os novos professores foram apresentados. Por final fomos nós. Pediram que falássemos do projeto de pesquisa e com quem trabalharíamos. Ao final a capitã (líder da comunidade) disse que muitos pesquisadores passaram por Waruá, colheram informações, mais nunca trouxeram seus estudos. Ela indagou com seriedade, se tivéssemos a permissão estaríamos dispostos a voltar e trazer o estudo para apresentar a comunidade. Dissemos que sim. Pediu que voltássemos daqui a 3 dias para obtermos a resposta.

Depois de 3 dias de ansiedade, voltamos a Waruá. Nos reunimos dessa vez na escola e lá foi dito que tínhamos a permissão dos velhos da aldeia para fazermos nossa pesquisa. Depois dessa permissão participamos da primeira reunião para a construção do calendário anual da escola. Das 231 escolas no interior a Escola Municipal Indígena Waruá atende a Comunidade Dâw (SEMED, 2015).

CONCLUSÕES PRELIMINARES

Os resultados obtidos com as investigações que estão em andamento, contribuíram para ampliar uma visão geral da pesquisa que pretendemos investigar. Conseguimos identificar uma escola indígena em meio as 231 Escolas Municipais em São Gabriel que contribuirá no campo de pesquisa. Possibilitou a aproximação dos sujeitos (crianças e professores) e favoreceu o reconhecimento do espaço socioambiental (Morro da Boa esperança) a ser trabalhado.

Durante as narrativas das histórias do lugar e em especial do Morro da Boa Esperança percebemos a autoconfiança e valorização em retratar as memórias vivas de seus antepassados. Que a utilização da história oral na elaboração da dissertação será um instrumento rico para coleta de dados.



Para enfrentar os desafios e saber a relação do ensino de ciências com os saberes tradicionais nas vozes e visões das crianças Dâw, compreendemos a necessidade de um aprofundamento epistemológico que nos permita um olhar diferenciado no contexto das culturas locais em que essas crianças estão inseridas.

REFERENCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. São Paulo: Ed. da FGV, 2004.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DA MATTA, Roberto. O ofício do etnólogo ou como ter “Anthropological Blues”. In: Nunes, Edson. **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

JOSÉ FILHO, M. **Pesquisa: contornos no processo educativo**. In: JOSÉ FILHO, M; DALBÉRIO, O. Desafio da pesquisa. Franca: Unesp – FHDSS, p.63-75.2006.

MARTINS, V. **Fonologia e gramática Dâw**. Tomo I e II. Tese de doutorado. Universidade de Amsterdã. Amsterdã, 2004.

SEMED. **Secretaria Municipal de Educação de São Gabriel da Cachoeira**. São Gabriel da Cachoeira, 2015.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral**. Rio de Janeiro, Paz e Terra: 1992.